

Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., II, 2, 191-194

“Neuroimaging in autism”

S. Deb and B. Thompson

*The British Journal of Psychiatry* (1998), 173, pp. 299-302

## Pesquisas com neuroimagens sobre o autismo

Este artigo, publicado no *British Journal of Psychiatry*, faz uma importante revisão dos principais estudos realizados sobre autismo com as modernas técnicas de neuroimagens. Retomam-se os relatos mais importantes da literatura recente sobre as alterações estruturais e funcionais identificáveis no autismo através desses métodos. Os dados mais significativos são discutidos à luz de outros achados da pesquisa neurobiológica contemporânea.

O texto mostra que várias anormalidades da estrutura e das funções cerebrais têm sido propostas como estando regularmente associadas ao autismo, mas nenhum defeito focal foi claramente demonstrado. Os achados mais importantes referindo-se aos pacientes autistas quando comparados com indivíduos normais incluem o aumento do volume total do cérebro e anormalidade estrutural no lobo frontal e no corpo caloso. Os achados de neuroimagem funcional enfatizaram um equilíbrio do metabolismo e do fluxo sanguíneo cerebral inter-regional e inter-hemisférico (enquanto os controles normais mostram, em geral, taxas metabólicas mais elevadas no córtex cerebral direito), bem como anormalidade no giro cíngulo anterior.

São discutidas as dificuldades metodológicas implicadas nesse tipo de investigação e se propõe que as pesquisas passem a ser menos baseadas no encontro de achados aleatórios e

---

inesperados, passando à fase de testagem de hipóteses específicas envolvendo estudos de ativação e de atividade de neurotransmissores e de neuro-receptores.

Esse é um trabalho altamente recomendado àqueles que desejam ter uma visão geral sobre *l'état de l'art* da abordagem neurobiológica do autismo, pelo menos em sua versão neuroimagética.

---

Kelley M. Skeff

“Role models – guiding the future of medicine”

*The New England Journal of Medicine* (1999), vol. 339: 27, p. 2015

## **O papel do professor enquanto modelo na formação do médico**

192

Um dos editoriais do *New England Journal of Medicine* discute um trabalho que mostrou que muitos médicos-professores não exibem as características profissionais que os residentes desejariam imitar. Em alguns dos mais respeitados programas de ensino médico norte-americanos, menos da metade dos professores são percebidos como modelos excelentes.

Pesquisas anteriores com alunos de medicina indicaram que os médicos que mostravam insensibilidade ou desrespeito para com os pacientes, insatisfação profissional ou perda do espírito de camaradagem eram vistos como maus modelos.

O artigo ressalta que, do ponto de vista filosófico e intelectual, os professores universitários podem compreender e apoiar princípios educacionais e humanistas relevantes. Contudo, seu comportamento não reflete de forma convincente a assunção de tais valores. Os residentes despendem a maior parte de seu tempo tratando de pacientes e aprendendo junto a seus professores. É compreensível, pois, que eles focalizem precisamente aqueles aspectos do comportamento de seus professores que tenham a maior congruência com seu trabalho diário.

Em última instância, o editorial leva a pensar que a medicina, como qualquer prática clínica, não pode apenas ser ensinada teoricamente. Ela necessita ser transmitida, segundo as qualidades próprias de transmissão adequadas às suas especificidades.

---

T. J. Crow

“Precursors of psychosis as pointers to the *Homo sapiens*-specific mate recognition system of language”

*British Journal of Psychiatry* (1998), 172, pp. 289-290

## O preço que o *Homo sapiens* paga pela linguagem

Este artigo de Timothy Crow, um dos mais renomados pesquisadores psiquiátricos na área da esquizofrenia, tenta mostrar que a competência lingüística é uma dimensão fundamental no problema da psicose. Segundo seu ponto de vista, a esquizofrenia é o preço que o *Homo sapiens* paga pela linguagem.

Sua teoria é, contudo, fundamentalmente biológica e genética, visando responder o seguinte paradoxo: se os sintomas esquizofrênicos são claramente prejudiciais do ponto de vista da sobrevivência biológica (uma vez que o indivíduo que possui os supostos genes da esquizofrenia estaria menos apto a transmiti-lo às novas gerações), como acontece, então, que esses genes não tendam a desaparecer por via da seleção natural?

Para esse enigma, o autor propõe a seguinte solução:

1. haveria uma variação relevante desses genes que atravessa a população como um todo (i.e., não permanecem confinados a uma sub-população);
2. esses genes estariam presentes desde a origem do moderno *Homo sapiens* (i.e. apresentam um polimorfismo estável) e
3. estão associados com a especiação característica da linguagem.

A linguagem, no *Homo sapiens*, seria o sistema de reconhecimento específico. A diversidade genética associada com essa função representa variações que refletem sobre a origem das espécies. Os fenômenos da psicose seriam, pois, uma chave para se compreender a diversidade neural e genética associada com a linguagem.

K. Ritchie

“Eugeria, longevity and normal ageing”  
*British Journal of Psychiatry* (1997), 171, p. 501.

## Sobre a arte do bem envelhecer

Um interessante editorial do *British Journal of Psychiatry* discute a noção aristotélica de “eugeria”, o envelhecer bem-sucedido, a capacidade de se ter uma vida longa e feliz, sem sofrimento e sem incomodar os outros.

A autora, uma pesquisadora francesa do Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale, acompanhou os últimos anos da vida de Jeanne Calment, provavelmente a pessoa que viveu mais tempo e também a mais saudável. Ela faleceu em agosto de 1997, aos 122 anos em Arles, “de causas naturais”. Ela permaneceu independente até a idade de 110 anos, sem qualquer histórico anterior de doenças. Ela escapou completamente às principais causas de mortalidade e de morbidade na velhice: o câncer, as doenças cardiovasculares e a demência senil.

Aos 118 anos, Jeanne permitiu à doutora Ritchie examiná-la com uma série de testes neuropsicológicos e com tomografias computadorizadas. Observou-se, então, que apesar de apresentar alguns déficits sensoriais, e mesmo com sinais de atrofia cerebral associada à idade, a “grande dama arlesiana” era capaz de aprender a partir de novas informações e ter um funcionamento cognitivo complexo, do qual obtinha prazer. Mantinha o bom humor e apreciava conversar com os que lhe davam atenção.

A autora chama atenção para o fato de que a teoria neuropsicológica de que todos desenvolveríamos um quadro de demência se vivêssemos o suficiente é amplamente desmentida por Jeanne. O único momento que foi tomada por demente foi quando, no período do primeiro encontro das duas, a equipe que tratava da velha senhora levantou essa suposição pelo fato de que ela não falava: mas muito poucos interessavam-se por conversar com ela. O interesse da pesquisadora resgatou a curiosidade e a vivacidade de Jeanne. “Seu caso ilustra a porção que o isolamento social pode desempenhar no declínio cognitivo da senescência”, diz o artigo.

Este trabalho curto, mas extremamente instigante, levanta a seguinte questão: a duração da vida de Jeanne e a qualidade sadia de sua velhice estavam muito além do que se poderia esperar em termos probabilísticos e de média estatística. Assim, seria necessário que fizéssemos a distinção entre “média” e “normalidade”: “‘Normalidade’ pode ser uma rara ocorrência”, conclui o texto.